

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO, GEOGRAFIA, MÚSICA E A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/2003

Herivelton Pereira Pires

Doutorando em Geografia – Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

Bolsista CAPES.

E-mail: heriveltonmusic@gmail.com

RESUMO

A implementação da Lei 10.639, em todo nível escolar é algo que sofre grandes barreiras, mas devido a todos tipos de movimentos engajados com a causa, percebemos que estamos caminhando no rumo certo. Apesar da Lei ser criada em 10 de janeiro de 2003, enxergamos que mesmo 17 anos depois, a muito em que ser feito. A “conta” não bate, pois, uma porcentagem considerável da população não se considera racista, mas dizem que já presenciaram atitudes racistas de outras pessoas. O paradoxo disso tudo é que o racismo vem sempre do outro e nunca da gente. Por isso é que hoje, parafraseando Djamilia Ribeiro, não basta ser contra o racismo, mas também é preciso ter uma atitude antirracista. Nas escolas, campos e construções, ainda há um enorme entrave em relação a implementação da Lei, mas a intenção aqui é mostrar que com boas ideias, mesmo havendo a falta materiais didáticos que auxiliam na promoção de uma educação antirracista, podemos sim promovê-las. Por isso acredita-se que o ensino, independentemente de qualquer disciplina escolar pode exercer uma contribuição para que possamos caminhar frente a luta contra o racismo. A intenção desse trabalho é mostrar a música como intervenção, no processo da implementação da Lei, além de expor algumas propostas, para que o docente possa trabalhar em sala de aula.

Palavras-chave: Educação. Relações Étnico-Raciais. Formação de Professores. Resistência.

INTRODUÇÃO

Diante do quadro vigente da implementação da Lei 10.639¹ de 2003, nota-se que há uma tremenda dificuldade para a execução da Lei da comunidade escolar. No Grupo de Estudos Ensino de Geografia e Relações étnicos raciais, promovido pelo Laboratório de Geografia e Educação Popular – LAGEPOP, do Instituto de Geografia, da Universidade Federal de Uberlândia, foi possível perceber na fala dos integrantes do grupo e dos palestrantes convidamos que ainda há entraves que dificultam promover uma Educação Antirracista.

Em geral, justifica-se que há falta de formação continuada, o desinteresse pela temática, a não formação acadêmica, a fobia de se engajar em um tema tão complexo, entre outros são empecilhos para a não cumprimento dessa lei nas escolas, mas reconhece-se que de todo modo devem-se buscar recursos para cumpri-la.

¹Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. (BRASIL, 2003).



O racismo aflora em nossa sociedade, principalmente nas instituições de ensino. O preconceito e a discriminação, fazem parte da cultura da sociedade brasileira. Por isso, debater e combater o racismo é uma tarefa de todos que se julgam não racistas. Devemos interpretar a questão do mito da democracia racial de Gilberto Freyre, para não cairmos numa perspectiva positivista e equivocada da realidade, pois as vezes o que parece ser algo normal, está sendo camuflado e reforça cada vez mais, uma atitude racista.

METODOLOGIA

A proposta deste trabalho é mostrar podemos trabalhar a implementação da Lei 10639/2003 por meio da música, no que tange em auxiliar no debate sobre como promover uma atitude antirracista. A intenção é desconstruir e corroborar com ideia que a música pode ser utilizada na escola com o propósito de ampliar, discutir e refletir sobre o racismo na escola. A ideia é dar continuidade ao ciclo de debates promovido pelo Grupo de Estudos Ensino de Geografia e Relações étnicos raciais, promovido pelo Laboratório de Geografia e Educação Popular – LAGEPOP, do Instituto de Geografia, fora da Universidade Federal de Uberlândia.

Por isso, brevemente, o artigo buscar embasar sua análise sobre as Relações Étnicos-Raciais fomentando as discussões por meio das categorias Paisagem, Território e Lugar. Acredita-se que este tipo de proposta pode ser implementado a partir da Fundamental II.

Ressalta-se que para o desenvolvimento deste artigo, utilizou-se bibliografias referentes ao objetivo da pesquisa, que formaram a fundamental teórica do trabalho. As pesquisas foram realizadas usando artigos encontrados na Internet e publicados em eventos acadêmicos, revistas acadêmicas e portais do governo federal.

Neste sentido, foram escolhidas três músicas como propostas de trabalho na escola, com a intenção de elucidar algumas ações que podem ser incutidas na instituição escolar. As composições escolhidas foram: Brasis, interpretação de Seu Jorge; Negro Drama, Racionais MCs e Quilombo, O Eldorado Negro de Gilberto Gil.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A questão da discriminação no país está impregnada na nossa paisagem, seja pelo fator histórico, emotivo e conjuntural. Seu Jorge, compositor contemporâneo



brasileiro, retrata de forma bem apurada a realidade brasileira em suas composições, mostrou na sua música com a intitulação “*Brasis*”, mostra perfeitamente a paisagem de vários brasis, veja:

*Tem um Brasil que é próspero
outro não muda
Um Brasil que investe
Outro que suga...*

*Um de sunga
Outro de gravata
Tem um que faz amor
E tem o outro que mata
Brasil do ouro
Brasil da prata
Brasil do balacochê
Da mulata...*

*Tem um Brasil que é lindo
Outro que fede
O Brasil que dá
É igualzinho ao que pede...*

*Pede paz, saúde
Trabalho e dinheiro
Pede pelas crianças
Do país inteiro
Lararárá!...*

*Tem um Brasil que soca
Outro que apanha
Um Brasil que saca
Outro que chuta
Perde, ganha
Sobe, desce
Vai à luta bate bola
Porém não vai à escola...*

*Brasil de cobre
Brasil de lata
É negro, é branco, é nissei
É verde, é índio peladão
É mameluco, é cafuso
É confusão
É negro, é branco, é nissei
É verde, é índio peladão
É mameluco, é cafuso
É confusão...*

A composição as várias facetas, do negro, branco, índio, mameluco e da mulata, do rico e pobre, da riqueza natural, “tem o Brasil igualzinho que se pede” como a letra da música relata. "A paisagem, de fato, é uma 'maneira dever', uma maneira de compor

e harmonizar o mundo externo em uma 'cena', em uma unidade visual" (COSGROVE, 1998, p.98-99).

É muito evidente na música a questão da contemplação do espaço visível que elucida a paisagem da realidade de cada Brasil. A diversidade étnica, cultural de nosso país, a visibilidade às diferenças dos sujeitos desse espaço, por vezes, é desvalorizada, que precisamos da arte para dar voz as minorias.

A paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também uma matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação — ou seja, da cultura — que canalizam, em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza. (BERQUE, 1998, p.84-85).

O professor, pode auxiliar neste processo de percepção, mediando por meio de uma interação dialógica entre os estudantes e o cotidiano, o conhecimento e a cultura de cada um, tentando compreender como é visto a questão da etnicidade no Brasil.

As contradições produzidas pelas relações sociais criam espaços e territórios heterogêneos, gerando conflitualidades. As classes sociais, suas instituições e o Estado produzem trajetórias divergentes e diferentes estratégias de reprodução socioterritorial. [...] âmbito da conflitualidade é a disputa pelos modelos de desenvolvimento em que os territórios são marcados pela exclusão das políticas neoliberais, produtora de desigualdades, ameaçando a consolidação da democracia. (FERNANDES, 2009, p.07).

Outra contradição que é, em tese, aprendemos com os clássicos da Geografia que a Língua é fundamental para que o indivíduo conheça o seu pertencimento ao território em que vive, na qual o indivíduo por familiaridade começa a respeitar um espaço culturalmente demarcado pela língua falada. Porém, quando analisamos a questão da realidade dos Brasis tratado na música, percebemos que esta ligação pela Língua não ocorre. A Língua, conseqüentemente, em tese, deveria elucidar uma noção de patriotismo e nacionalismo. Mas devido ao perfil escravocrata impregnado, faz com que a discriminação entre brancos e negros seja pulsante.

Devemos compreender que o território se estabelece pela relação de poder e as contradições são produzidas a partir de um quadro hegemônico que coloca a população branca em vantagem em relação a população negra. Nosso país, mesmo sendo tão diverso na sua cultura, ainda sobre com a abismo em relação a renda familiar média per capita, expectativa de vida e escolaridade, entre outros.

A mídia global transmite a sua visão das periferias das grandes metrópoles para o mundo, como marginalizada, mas devemos entender que isso, não pode ser levado ao



pé da letra, pois, há violência está em todos os lugares e massificar a periferia como um lugar violento, é algo se configura como deturpado.

Dito isto, Milton Santos (2000), explica em seu livro, “Por Uma Outra Globalização”, que se deve olhar para o outro por outro lado, reconhecendo e integrando ao que lugar que se vive e não o enxergar com uma visão estereotipada pela mídia esmagadora que não mostra os valores dessa gente que reside nesses locais discriminados pela sociedade. E para combater essa exclusão posta pela sociedade, o autor propõe a utilização das mídias independentes para transmitir a visão pelo lugar, por isso não se pode julgar algo retratado pela mídia de grande massa como verdade absoluta, pois a informação pode ser, por vezes, distorcida.

Neste sentido, a sugestão seria implantar um projeto de rádio na escola, sendo organizada pelos próprios estudantes, que condicionasse a possibilidade de ampliar o debate sobre o racismo dentro da própria instituição escolar. A ideia é produzir um dia de rádio no intervalo da escola com músicas, que possa posteriormente ampliar o debate em sala de aula sobre a questão de ser negro no Brasil.

Tanto com a música Brasis, quanto a música Negro Drama dos Racionais Mc’s, pode-se trazer uma elucidação de como a população negra é vista e como ela se vê. E por sua vez, pode ser um aliado para entendermos o lugar a partir de um novo olhar.

*Negro drama,
Entre o sucesso e a lama,
Dinheiro, problemas,
Inveja, luxo, fama.*

*Negro drama,
Cabelo crespo,
E a pele escura,
A ferida, a chaga,
A procura da cura.*

*Negro drama,
Tenta ver
E não vê nada,
A não ser uma estrela,
Longe meio ofuscada.*

*Sente o drama,
O preço, a cobrança,
No amor, no ódio,
A insana vingança.*

Zeni (2004) destrincha a Letra Negro Drama no seu artigo “O negro drama do rap: entre a lei do cão e a lei da selva” caracteriza-se por uma longa narração com um



tom de revolta que busca denunciar a violência sofrida pela população negra. A raiz histórica brasileira serve para reforçar o estrago contemporâneo da herança colonial e, por extensão, a persistência da lógica escravista.

Enxergar-se que essa música e seu estilo (rap) pode até nos mostrar o cotidiano habitante nas favelas, mas que se abre para o mundo através da tecnologia de informação, e que, deve ser respeitado e não marginalizado pelas outras pessoas, pelo seu caráter cultural. Desta maneira, o professor contribui com um dos seus papéis fundamentais, respeito ao próximo e desconstrução da sociedade “estereotipizada”.

Outro fato importante no trabalho nas escolas é a questão dos processos históricos associados à construção de resistência ao processo de escravidão. E neste sentido, mostrar a importância do Quilombo, como um lugar de refúgio e proteção para negros que não aceitaram a escravidão, também deve ser refletido na contemporaneidade.

A abordagem de Favela e Quilombo para retratar as dificuldades encontradas pelos negros decorrentes tanto do preconceito quanto da segregação causada pelo racismo estrutural que condicionou a falta de políticas públicas que não foi capaz de compensar os negros por seus anos de exploração. Mesmo assim, como o Quilombo, a Favela é capaz de se ajustar de forma resiliente e mesmo que não pareça, resistir. A favela não está calada, ela é sua própria representação política, podendo ser capaz de fortalecer os direitos sociais, tanto na área local quanto na esfera mais ampla.

Apesar do preconceito e do racismo estar interrelacionados, são caracterizados de forma diferente. O primeiro é parte de um sistema enraizado pelo processo histórico imaginário da população brasileira, já o segundo é quando este imaginário se concretiza. Isto mostra o quão complexo é o problema do racismo no Brasil.

Neste sentido, a indicação de uma proposta é retratar por meio da música a importância do Quilombo para o meio Histórico e Cultural Afro-Brasileiro. Por isso, a música escolhida, para abarcar tal ideia, foi: Quilombo, o eldorado negro, interpretado por Gilberto Gil. Veja:

*Existiu
Um eldorado negro no Brasil
Existiu
Como o clarão que o sol da liberdade produziu
Refletiu
A luz da divindade, o fogo santo de Olorum
Reviveu
A utopia um por todos e todos por um*



Quilombo
Que todos fizeram com todos os santos zelando
Quilombo
Que todos regaram com todas as águas do pranto
Quilombo
Que todos tiveram de tombar amando e lutando
Quilombo
Que todos nós ainda hoje desejamos tanto

Existiu
Um eldorado negro no Brasil
Existiu
Viveu, lutou, tombou, morreu, de novo ressurgiu
Ressurgiu
Pavão de tantas cores, carnaval do sonho meu
Renasceu
Quilombo, agora, sim, você e eu

Quilombo
Quilombo
Quilombo
Quilombo

A música é importante por enaltecer a importância do Quilombo. E assim como foi o Quilombo, a Favela, também se configura como um espaço excluído, que sofre forte repressão do Estado, por ser elucidada como espaço criminalizado, mas que revive, resiste e renasce todos os dias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A implementação da lei 10.639 sofre com grandes entraves em todos os níveis de ensino, mas graças aos diversos movimentos envolvidos na causa, percebemos que estamos caminhando na direção certa. Embora a lei tenha sido promulgada em 10 de janeiro de 2003, ainda sabemos que há muito trabalho a ser feito.

Uma porcentagem significativa das pessoas não se considera racistas, mas diz que já testemunhou atitudes que cunho racista de outras pessoas. Todo esse paradoxo é que a discriminação racial sempre vem da outra pessoa, nunca de nós mesmos. E por isso que a obra da Djamila Ribeiro, *Pequeno Manual Antirracista* passa a ganhar força nos debates acadêmicos e não acadêmicos, por deixar uma reflexão ala Belchior que cantava que o canto torto deve cortar a carne: Não basta se opor à discriminação racial, é preciso também ter uma atitude antirracista.

Observamos no grupo de estudos a partir da fala dos integrantes que ainda existem grandes obstáculos para a aplicação da lei, o propósito deste artigo foi mostrar a música pode ter uma contribuição na implementação da Lei 10639/2003. Não devemos



desacreditar na contribuição que o ensino possa a ter em relação ao avanço do combate à discriminação racial.

Por fim, é notório que a música pode ser um recurso didático complementar capaz de auxiliar o professor a licenciar os conteúdos sobre a História e Cultura Afro Brasileira e proporcionar tanto no ensino de básico até o superior, quanto para o aprendizado interpessoal as relações do nosso cotidiano que diretamente ou indiretamente nos faz enxergar que a importância para avançar engloba assuntos de ética humana e respeito com o próximo, que são valores para toda a vida.

REFERÊNCIAS

BORGES, Edson. História, estrutura social de privilégios e ações afirmativas no Brasil. In: CHAVES, Rita; SECCO, Carmen; MACÊDO, Tania (Orgs.) **Brasil/África: como se o mar fosse mentira**. São Paulo: Editora UNESP; Luanda, Angola: Chá de Caxinde, 2006. p.179-216.

BRASIL, LEI Nº 10639 DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicas Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. MEC/SECAD. 2005.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção do conhecimento**. Campinas: Papirus, 1998

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **População negra ainda sofre com a desigualdade no mercado de trabalho**. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/2012/04/populacao-negra-ainda-sofre-com-a-desigualdade-no-mercado-de-trabalho/>>. Acesso: em 15/11/2012

GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GOMES, Paulo César da Costa. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo C.; CORRÊA, Roberto L. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995, p. 49-76.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1998. p. 92-122.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro. Record, 2000.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Racismo no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2001.



SCHWARCZ, Lilia Moritz. Uma história de “diferenças e desigualdades”: as doutrinas raciais do século XIX. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. **Aula de Geografia e algumas crônicas**. Campina Grande: Bagagem, 2008.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Sobre a Tipologia de Territórios. In: SAQUET, Marco A.; SPOSITO, Eliseu S. (Orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1998. p.84-91.

REFERÊNCIAS MUSICAIS

Gilberto Gil. **Quilombo**, El Dourado Negro. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=O5bMlal00fQ>>. Acesso em: 22 out. 2020.

Racionais Mc's, Negro Drama. In: **1000 Trutas 1000 Tretas**. São Paulo: Cosa Nostra, 2006.

Seu Jorge. Brasis. In: **Ana e Jorge ao Vivo**. São Paulo: Sony BMG, 2004.

